

ALGUMAS ANOTAÇÕES SOBRE HISTÓRIA DE VIDA E A PRÁTICA DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO

SOME ANNOTATIONS ABOUT THE LIFE HISTORY AND PRACTICE OF RESEARCH IN
EDUCATION.

 **Zeila de Brito Fabri Demartini***

Doutora em Sociologia - USP | Brasília

E-mail: zeila.demartini@pq.cnpq.br

REVISTA PEDAGÓGICA

Revista do Programa de Pós-graduação em Educação da Unochapecó | ISSN 1984-1566

Universidade Comunitária da Região de Chapecó | Chapecó-SC, Brasil

Como referenciar este artigo: DEMARTINI, Z. B. F. Algumas anotações sobre história de vida e a prática de pesquisa em educação **Revista Pedagógica**, Chapecó, v.15, n.31, p. 229-247, jul./dez. 2013.

RESUMO: O texto traz para o debate teórico-metodológico algumas questões relativas às origens das histórias de vida e as práticas de investigação em educação. Aborda sobre os processos inerentes às questões educacionais, principalmente, no que tange às reflexões sobre as entrevistas nas histórias de vida e o uso das narrativas obtidas sob a forma oral e suas implicações para o conhecimento científico.

PALAVRAS-CHAVE: Educação. Pesquisa. História de Vida. Entrevistas.

Abstract: The text brings to the theoretical methodological discussion some issues related to the origins of life histories and practices of education research. It addresses about the processes inherent in educational issues, especially regarding the reflections on the life history interviews and the use of narratives obtained in oral and its implications for scientific knowledge.

Keywords: Education. Research. Life History. Interviews.

* Doutora em Sociologia pela Universidade de São Paulo. Atualmente é Pesquisadora 1C e consultora ad hoc do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, professora da Universidade Metodista de São Paulo e diretora de pesquisa do Centro de Estudos Rurais e Urbanos. E-mail: zeila.demartini@pq.cnpq.br

INTRODUÇÃO

Já escrevemos muitas vezes sobre as pesquisas que realizamos envolvendo questões educacionais e a forma como conduzimos os processos de investigação, considerando as diferentes problemáticas abordadas (Demartini, 1984, 1988, 1992). Desde que iniciamos a realização de entrevistas com pessoas relacionadas às questões educacionais em períodos mais remotos, necessariamente nossas reflexões começaram a aprofundar-se sobre o uso das narrativas obtidas sobre o uso das narrativas obtidas sob a forma oral e suas implicações para o conhecimento científico. Por privilegiar a utilização de histórias de vida para o esclarecimento de questões, pois só a documentação escrita disponibilizada não nos parecia suficiente, optamos pela utilização das mesmas em complementaridade a outras fontes.

A discussão sobre histórias de vida iniciou-se no CERU – Centro de Estudos Rurais e Urbanos ainda nos anos 1980, quando foram estabelecidos convênios com a Universidade de Roma, que já se dedicava à discussão tendo sido publicado o livro *Experimentos com Histórias de Vida* (Itália-Brasil) (Simsom, 1988), que acabou sendo referência sobre a temática. Posteriormente, passamos a discutir nossas pesquisas em Congressos Internacionais de História Oral e posteriormente no âmbito dos eventos da Associação Brasileira de História Oral – ABHO, criada em 1994 com a participação de diversas outras instituições brasileiras. Continuamos, durante todos esses anos, dialogando com esses diferentes campos de discussão das narrativas produzidas com/ pelos sujeitos, procurando incorporar a contribuição de várias áreas do conhecimento (Sociologia, Antropologia, História, Educação) e de dados de diferentes tipos (orais, escritos, imagéticos e frutos da observação participante).

Recentemente, à convite do GT Sociologia da Educação da ANPED, ministramos um curso sobre a História de Vida e Educação e, para tanto, disponibilizamos texto (Demartini, 2010) já publicado em livro que incorpora as reflexões que vem sendo realizadas no âmbito da Associação Brasileira de Auto-Biografia – *BIOGRAPH*, criada em 2008. Optamos assim por apresentar aqui não só observações que fizessem referências à vários estudos, mas os passos que fomos desenvolvendo em uma pesquisa específica. Seleccionamos, para tanto, o que escrevemos em nosso relatório sobre a pesquisa *Memórias de Professores da Cidade de São Paulo e seus arredores*, pois essa pesquisa para nós foi significativa do ponto de vista metodológico – também porque permitiu que nosso foco de estudo se voltasse para as questões educacionais na área metropolitana de São Paulo (passamos a lidar com o sistema educacional em área urbana).

Não alteramos o que apresentamos em nosso relatório final de pesquisa (constituído por 3 volumes), pois jul-

gamos que cada pesquisa deve ser compreendida a partir do contexto e período em que foi produzida. Os itens abaixo reproduzem nossas observações que são, assim, datadas, mas que continuam correspondendo a nossa prática atual de pesquisa.

AS INTENÇÕES DO PROJETO

O presente projeto de pesquisa faz parte de uma discussão mais ampla sobre problemas educacionais e metodologia de pesquisa por nós iniciada já alguns anos, devendo, portanto, ser a partir desta perspectiva mais abrangente.

Os estudos realizados nos últimos anos no tocante à educação têm se voltado, em grande parte, para o diagnóstico e crítica dos problemas atuais nesta área, analisando apenas a situação presente, e a partir daí propondo soluções ou alternativas. Poucos fazem referências ao passado e, mesmo nestes casos, dificilmente questionam o que já se escreveu a respeito dele.

Ora, se o conhecimento do presente é importante há outra dimensão do problema que não pode ser ignorada, e, ao contrário, 'deve' também ser pesquisada: trata-se da análise das questões segundo uma perspectiva histórica, isto é, procurando conhecer os fatos através do tempo.

A perspectiva histórico-sociológica na análise de problemas e a fatos educacionais tem ganhado ultimamente muitos adeptos, justamente pela riqueza de informações que trás aos estudiosos, não só sobre o passado propriamente dito, mas porque estas permitem que se situe os problemas atuais em perspectivas mais adequadas.

Os estudos preocupados com a educação no passado geralmente estão voltados para aspectos relacionados ao sistema educacional e sua expansão, e muito poucos fazem referências aos sujeitos e agentes da educação envolvidos no processo educativo; quase nunca se procura estudar os problemas e valores vivenciados pela população quanto à sua escolarização, e pelos agentes da educação, como os professores primários, no desempenho de suas atividades, e, mais que isso, apreender o funcionamento do sistema educacional no contexto da sociedade mais ampla.

Acreditamos que há muito a ser conhecido por meio de estudos empíricos, e é nesta busca que incluíamos este estudo das memórias de velhos professores em São Paulo.

Esta perspectiva de análise histórico-sociológica já foi por nós utilizada em estudo anterior¹, tendo resultado em descobertas importantes para uma melhor colocação dos problemas de educação rural nos dias atuais.

Nosso intuito, nesta nova tentativa agora baseada fundamentalmente em relatos de professores, é de podermos melhor esclarecer problemas para nós ainda obscuros, relacionados à educação em São Paulo nas primeiras déca-

1 Ver: Demartini (1979).

das deste século e cujo conhecimento nos permitirá melhor entender o desenvolvimento e situação atual da escolarização neste Estado. Abordamos os critérios e condições para a criação e funcionamento das escolas; as interferências políticas no funcionamento destas; a formação dos professores; o acesso ao magistério; as relações entre escola e população; as motivações e valores que conduziam diferentes categorias sociais da população a encaminharem seus filhos para a escola; o ensino particular pago e gratuito, entre outros aspectos.

Apenas por meio de documento de arquivos e outros, tais como jornais, revistas, livros etc., dificilmente poder-se-á obter informações satisfatórias sobre muitas das questões acima. É preciso ir mais longe, e fazer as informações onde elas podem estar guardadas, isto é, na memória dos que vivenciaram os problemas educacionais em épocas remotas. Jacques Ozouf denomina o material que coletou com base nas recordações de mestres da 3ª República na França, de ‘arquivos provocados’; poderíamos talvez pensar em ‘arquivos salvos’, pois, se a criação de um arquivo depende das fontes de informação, à medida que estas desaparecem, o arquivo não tem condições de ser criado. A nossa tentativa é, também, a de salvar informações.

A partir desta temática geral, foram previstas duas etapas: a primeira, abordando os problemas educacionais em áreas rurais do Estado de São Paulo, e a seguida procurando conhecer o processo de escolarização e expansão do sistema educacional na cidade de São Paulo.

A primeira etapa deste projeto foi por nós levada a efeito em 1983/84, tendo resultado em um relatório de pesquisa intitulado: *Velhos mestres das novas escolas: um estudo das memórias de professores da 1ª República em São Paulo* (CERU/INEP, 1984- datilografado).

Trabalhamos então, com histórias de vida obtidas por meio de entrevistas junto a 27 (vinte e sete) professores que haviam lecionado para populações rurais. A análise das informações contidas nos relatos permitiu observar, entre outros aspectos: 1) a precariedade do sistema educacional no interior do Estado, especialmente no atendimento à população rural; 2) a aparente inexistência de medidas concretas e planejadas para o atendimento escolar a essa população e a forte presença de interferências políticas na criação e no funcionamento das escolas, que aparecem como elementos importantes nas disputas das forças políticas locais; 3) o grande interesse das várias categorias rurais pela escolarização dos filhos e pela sua própria, fazendo surgir, ao lado do sistema oficial de ensino, um sistema paralelo constituído por cursos particulares, pagos, noturnos, com professores leigos e formados pela população para outras finalidades que não apenas a escolarização; 5) a real frequência das crianças à escola, que faltavam apenas

quando as circunstâncias econômicas obrigavam os pais, geralmente colonos, à sua utilização no trabalho agrário.

Neste estudo, aqui retratado em poucas pinceladas, as soluções foram surgindo na própria dinâmica do trabalho, numa discussão contínua entre os pesquisadores, de um lado, e o material coletado, do outro. Este, longe de apresentar-se como uma massa de informações a serem trabalhadas segundo um esquema prévio, impôs-se, ao contrário, como fonte de novas questões a serem investigadas.

Assim, o estudo de memórias implica, a nosso ver, num envolvimento e questionamento contínuo do pesquisador, colocando em questão, a todo instante, o referencial teórico do qual se parte, e a própria forma como se faz ciência. Tais resultados e reflexões reafirmaram nosso interesse na execução da 2ª etapa do projeto. Partimos da convicção de que um estudo dos problemas educacionais na cidade de São Paulo adotando a mesma metodologia de análise do estudo anterior permitia um conhecimento muito mais real e amplo destes problemas, trazendo à tona questões ainda não aventadas, ou não suficientemente discutidas sobre as relações entre população e escola, nesta cidade.

Nesta nova etapa pretende-se, portanto, por meio das informações de professores de diferentes tipos de escola conhecer no passado problemas do processo de escolarização e expansão do sistema educacional na cidade de São Paulo, abordando, entre outros aspectos:

1. Os diferentes tipos de ensino ministrados nas cidades a nível elementar;
2. As diferenças escolas e suas clientelas;
3. Os critérios e condições para a criação e funcionamento das escolas em regiões diversas da cidade; o atendimento à demanda potencial;
4. As reformas de ensino;
5. As interferências políticas no funcionamento das escolas;
6. A formação de professores
7. O acesso ao magistério
8. O professor e a realidade das escolas: a metodologia adotada, as adaptações e inovações;
9. As relações entre escola e população em regiões diversas da cidade;
10. As relações entre escola e diferentes camadas da população;
11. As motivações e valores que conduziam diferentes categorias sociais da população a encaminharem seus filhos para diferentes tipos de escola;
12. Os fatores das faltas e evasão escolar.

Além disso, a pesquisa procura discutir os problemas teóricos-metodológico, que estão envolvidos neste processo de ‘criação’ de informações a partir de entrevistas com informantes que apresentam entre si características que os assemelham como grupo: todos são professores; todos têm mais de 70 anos, todos lecionaram na cidade de São Paulo à mesma época.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Tendo adotado nesta pesquisa a mesma perspectiva teórico-metodológica com a qual já trabalhamos anteriormente, quando analisamos as memórias de professores que lecionaram para populações rurais no Estado de São Paulo, não nos defrontamos, no trabalho atual, com tantos impasses como os que então se nos delinearão².

2 A este respeito, ver: Demartini (1988).

Embora tenhamos então estudado período semelhante (abordou-se a 1ª República, sendo que a atual cobre também a década de 30) a realidade paulistana introduziu alterações no ritmo de trabalho e mesmo nos resultados obtidos, como se poderá verificar especialmente nos comentários sobre a localização dos informantes.

O recurso à fotografia implicou, também, em reflexões de grande parte novas, de nossa parte. Era o primeiro trabalho que procurávamos realizar fazendo uso das fotografias no estudo de questões educacionais; as dificuldades foram, portanto novas, e os resultados às vezes inesperados, como se verificará em alguns itens abaixo.

O objetivo paralelo ao de analisar os dados coletados, isto é, o de organizá-los na forma de um arquivo que pudesse ser utilizado tendo em vista outros questionamentos e estudos, levou-nos a recorrer ao microcomputador como auxiliar nesta tarefa. Para tanto, esquemas mais complicados de manuseio do material tiveram que ser elaborados.

Assim, principalmente estes três elementos – o fato de se tratar de uma realidade diferente, a vida urbana na cidade de São Paulo; a utilização de fotografias e o recurso ao microcomputador trouxeram novos problemas e suscitaram novos encaminhamentos. Tentaremos apontá-los no detalhamento das várias etapas pelas quais passamos, até aqui.

A PROCURA DE ‘DESCONHECIDOS’

Esta atividade estava prevista para ser realizada nos dois primeiros bimestres, mas pretendemos dar continuidade à mesma, pois a localização de professores que lecionaram em São Paulo, nas décadas de 20 a 30 mostrou-se tarefa difícil do que se esperava. Na experiência em procuramos localizar professores que tivessem lecionado antes de 1930 para populações rurais, as indicações que então tivemos foram muito numerosas. Nesta pesquisa, entretanto, este processo mostrou-se muito lento e complicado, por dois motivos principais: 1) A carreira no magistério, no

período analisado, iniciava-se geralmente na zona rural, demorando o professor alguns anos para chegar às zonas urbanas. Assim, muitos professores indicados, que começaram a lecionar ainda por volta de 1930, só chegaram a São Paulo muitos anos mais tarde; 2) Nas cidades do interior, que abordamos na pesquisa anterior, os professores, mesmo que muitos velhos, são conhecidos e facialmente identificados, na cidade de São Paulo, ao contrário, as próprias escolas em que lecionaram não tem mais o contato com o seus antigos professores, tornando mais difícil a sua localização – muitos não sabem nem informar se há algum professor vivo que pudesse ser entrevistado.

Também as associações de classe não conseguem dar referências (raras exceções) sobre estes professores que, às vezes, ainda constam de seus fichários – organizados por ordem alfabética, o que torna difícil uma consulta a esta fonte. A impressão que ficou, após mais de um ano de ‘busca’ intensiva de informantes, é a de que a população da cidade de São Paulo, ao contrário do que ocorre nas cidades do interior, ‘esquece’ ou ‘perde’ seus mestres. A aposentadoria, que no interior não descaracteriza ou desqualifica profissionalmente o professor, que continua sendo reconhecido como tal, parece atuar de forma diversa na cidade grande: ela afasta o professor de suas atividades, e ao mesmo tempo joga-o num ‘mar’ de outras pessoas não identificáveis da 3ª idade – perdem a identidade profissional, deixam de ser professores e passam a ser velhos e ignorados.

Os velhos professores retêm em suas memórias a história da cidade e de suas escolas, mas a cidade raramente lembra que estes professores nela trabalharam e que ainda estão vivos.

Durante este período de pesquisa, utilizamos as mais variadas fontes para obter informações sobre professores que tivessem lecionado em São Paulo, antes de 1937: consultamos o Centro do Professorado Paulista, entidade a que se filiavam os professores primários desde a década de 30; a Liga dos Professorado Católico, perguntamos a todos os pesquisadores de nossos círculos de atividades, começamos a entrar em contato com diferentes tipos de escolas que existiam em São Paulo, na época – escolas públicas e particulares (leigas e religiosas, para diferentes clientelas), tentando cobrir a gama de diversificada da rede de relações entre população e ensino nesta cidade. Os contatos com pessoas localizadas foram feitos pessoalmente, por telefone, diretamente pelos pesquisadores ou por meio de alguma pessoa que fosse mais conhecida do informante ou por meio de alguma pessoa que fosse mais conhecida do informante. Recorrer a um intermediário nos contatos mostrou-se em vários casos uma providência fundamental, pois muitas instituições tinham receio em emprestar informações sem conhecer exatamente para que fossem utilizadas; neste caso, a apresentação por alguém que era

de sua confiança, facilitou muito o acesso a professores que aí lecionaram.

Após a etapa de identificação de professores dos diferentes tipos de escolas de São Paulo, tentando cobrir a rede pública e particular (leiga e religiosa), assim como localizar professores que ministravam aulas particulares em casas de família, passamos a uma nova fase, voltada à procura de mestres de determinadas escolas, fase esta que nos fez percorrer durante meses pistas em grande parte infrutíferas.

Esta etapa da procura foi muito difícil, pois as escolas, visitadas, sequer possuíam o arquivo com os nomes dos professores que lecionaram nas primeiras décadas deste século, o que dificultou muito o trabalho de localização dos mestres ainda vivos; este fato parece estar relacionado à queima de arquivos ocorrida nas escolas particulares por ocasião da publicação de decretos regulamentando a situação empregatícia dos funcionários (década de 40), segundo as informações de alguns entrevistados. Por outro lado, também ocorre que muitos professores que lecionaram em escolas religiosas e em escolas voltadas para a população imigrante não permaneceram no Brasil, mas retornaram à Europa depois de um certo tempo, o que diminuiu muito nossas possibilidades de entrevistas.

De modo geral, foram necessários no mínimo três ou quatro contatos preliminares com outras pessoas para se chegar a cada professor. O caminho foi, na maior parte dos casos, tortuosos, com muitas idas e vindas, interrupções temporárias ou definitivas.

Tendo conseguido nomes de cerca de 90 professores (geralmente sem os endereços), tentamos estabelecer contatos com todos aqueles de alguma forma conseguíamos localizar. Destes, alguns não foram entrevistados por motivo de viagem, outros, por problemas de doenças deles próprios ou de parentes, outros não se mostraram dispostos a dar entrevistas, alguns porque tiveram problemas anteriores com jornalistas, outros por motivos ignorados. Percorrendo todas as pistas e trilhas a que tivemos acesso, conseguimos entrevistar 33 pessoas, acreditando com isto ter informações valiosas sobre o funcionamento das escolas públicas (grupos escolares e escolas isoladas), externas e colégios particulares leigos, e sobre o ensino superior elementar que era dado em casas de família.

Mas nos parecem ainda insuficientes as informações que possuíamos sobre:

1. O ensino veiculado em escolas de orientação religiosa – realizamos entrevistas com pessoas que trabalharam em colégios católicos para meninos ou meninas (Colégio São Bento, Colégio Sant’Ana e Colégio Des Oiseaux) e Colégio protestante (Mackenzie) e Escola judaica (Renascença); mas

achamos necessário complementar sobre o ensino ministrado em colégios católicos de outras ordens religiosas (Colégio Sion, Colégio Santa Marcelina e Colégio São Luiz), ou com outra orientação religiosa (Colégio São Batista Brasileiro);

2. O ensino ministrado em escolas destinadas a certos grupos de imigrantes, mantidas geralmente pelas colônias (escolas italianas e alemãs);
3. O estudo ministrado em escolas profissionalizantes, como o Liceu de Artes e Ofícios, a Escola Federal de São Paulo e ainda outras escolas menores.

AS ENTREVISTAS: FALAS E FOTOS

As 33 histórias de vida implicaram na gravação de aproximadamente 68 fitas de 60 minutos (em vários casos, utilizamos apenas um lado de fita, mas decidimos não usar o outro lado com o outro entrevistado, para evitar problemas com o manuseio simultâneo por dois pesquisadores e outros riscos maiores).

As entrevistas foram realizadas em sua maior parte, nas casas dos professores, o que tornava a situação mais informal e geralmente permitia um conhecimento mais aprofundado do entrevistado. De todas as entrevistas participaram duas pesquisadoras, o que realmente facilitava muito o desenrolar da mesma, pois enquanto uma ficava mais atenta à gravação, a outra podia concentrar-se totalmente no conteúdo dos relatos que ouvia.

Geralmente, as histórias de vida exigem várias horas de gravação, o que implicou em mais de um retorno para continuar a conversa com os professores. Em apenas sete casos foi feita uma única entrevista com o informante.

As entrevistas foram realizadas recorrendo-se à técnica de história de vida, isto é, tentando obter as informações dos professores por meio dos relatos das experiências que vivenciaram. As histórias de vida não seguiram nenhum roteiro pré-estabelecido; o entrevistado ia falando sobre a sua vida, e as pesquisadoras iam procurando aprofundar os aspectos que lhes pareciam necessários, tentando sempre não truncar o relato do entrevistado, ou impedi-lo de falar sobre o que quisesse. A liberdade de expressão ao entrevistado mostrou-se muito importante, pois permitiu chegar a informações que de outra maneira não aflorariam nos relatos, caso estes fossem dirigidos pelos entrevistadores. Há nas relações entre a população e o ensino situações por nós inimaginadas no período estudado.

Nesta pesquisa, tentamos também recuperar as fotografias que os professores tinham sobre o período em que lecionaram. Mas a coleta de fotografias não pode ser encarada como tarefa que distinguiu da própria entrevista, na medida em que se recorreu às fotografias encontradas

pelos professores como forma de reavivar a memória e coletar novas informações. Debruçar-se sobre as fotografias, junto ao entrevistado, examinando-as a partir do contexto todo que já foi por ele relatado anteriormente, trazia um detalhamento e uma explicitação muito maiores das situações já descritas em entrevista anterior, com o mesmo professor. Parece-nos ainda que a análise das fotos junto ao entrevistado permitisse estabelecer com o mesmo uma relação de maior intimidade, conhecer seu universo, pois, o pesquisador aproximava-se mais concretamente da realidade relatada, começava a enxergar e vivenciar esta realidade mais diretamente por meio das imagens que lhe eram mostradas e comentadas. Esta nova visão e situação, que se estabelecem a partir dos comentários conjuntos sobre as fotos, trouxeram em consequência, um enriquecimento muito maior dos relatos. Infelizmente, nem todos os professores tinham fotos ou sabiam onde colocaram as mesmas, pois sua utilização neste trabalho de reavivamento de memórias tem nos parecido fundamental. Depois de selecionadas, foram reproduzidas as fotografias, cedidas por professores.

Como neste projeto não se pretendia realizar um número muito grande de entrevistas como cada professor, pois isto inviabilizaria o estudo em termos de recursos financeiros, e como, por outro lado, também nos interessava o aprofundamento das questões educacionais, dentre tantas que afloram nas memórias dos mestres, ficamos tentados a pensar que o material por nós obtido por meio das entrevistas aproxima-se do que poderíamos chamar de ‘depoimento’, na definição de Maria Isaura Pereira de Queiroz (1983).

Por outro lado, a forma como trabalhamos e tentamos resgatar as memórias sempre foi muito mais flexível e livre que aquela costumeiramente utilizada na coleta de depoimentos, que procuram restringir os relatos a determinados temas ou épocas. Deste modo, não podemos afirmar que são apenas depoimentos, preferimos chama-las de histórias de vida ‘inacabadas’, se isto for possível. Segundo Daniel Bertaux (1980), poderíamos dizer que são histórias de vida mais ‘sumárias’, necessárias quando se precisa entrevistar um número maior de pessoas, como neste caso.

Ainda segundo este último autor, poderíamos afirmar que a orientação adotada na condução das entrevistas, nesta pesquisa, não é a psicológica, pois, não nos estão interessando os aspectos mais subjetivos, para nós, os professores são pessoas que passaram por muitas experiências e sabem muito, e este seu saber é de fundamental importância ao esclarecimento das questões propostas, o esquecimento de determinados períodos pode ser importante em determinados casos, para certos fins, mas é o que evitamos, ao contrário, nossa postura tem sido a de auxiliar na reconstrução da memória, no resgate de acontecimentos e aspectos há

muito esquecidos. A posição em que procuramos ficar, com bem diz Bertaux, é a de fazer com que o professor seja “tocado pelo desejo de narrar”, orientação que ele chama de etnográfico. Talvez por este motivo muitos entrevistados, após a realização das entrevistas, nos telefonam para informar que haviam encontrado fotos, documentos, ou que se lembrou de detalhes ou aspectos sobre os quais não haviam conseguido falar antes, num desejo evidente de continuar contando o que sabiam.

A análise da forma pela qual as várias entrevistas se desenvolveram nos deixa perceber, entretanto, que houve algumas ‘falhas’ que foram aos poucos sendo superadas pelos pesquisadores a partir das reflexões que se processaram continuamente. Em alguns casos, nota-se certa interferência dos pesquisadores, fazendo perguntas que às vezes desviam o pensamento do entrevistado. Em outros momentos, perdem-se oportunidades de aprofundar ou refletir mais sobre certas questões aventadas pelo entrevistado.

O modo como às questões são formuladas também interfere muito no andamento das entrevistas e no resultado obtido. Quando o professor comentou muito rapidamente um assunto, por exemplo, falou sobre uma escola em que lecionou em um determinado bairro, se fizermos perguntas mais fechadas (como, era uma escola para população pobre? O prédio era próprio? O senhor ficou dois anos nesta escola? Etc.), teremos respostas geralmente breves, às vezes sim ou não, que não trazem muitos elementos novos da memória. Ao contrário, quando deixamos as questões mais abertas, por exemplo, (o senhor poderia nos falar um pouco mais sobre o período em que deu aula nesta escola?) parece que dá condições para que as memórias fluam livremente, a riqueza de detalhes é muito maior, e, conseqüentemente, também se amplia o conhecimento dos pesquisadores.

Esta postura ‘aberta’ e o ‘modo’ de formular as questões nos momentos ‘certos’ depende não só da experiência do pesquisador, mas também do conjunto de conhecimentos que ele vai acumulando ao longo do processo da pesquisa, por este motivo, é muito difícil estabelecer um roteiro a ser seguido nas várias entrevistas, pois, a ‘cabeça’ do pesquisador que fez a primeira ou segunda entrevista é diferente. É um processo acumulativo, que resulta da escuta atenta e da reflexão sobre as informações que vão sendo coletadas, e que implicam em novos questionamentos nas entrevistas subsequentes. Sem contar que nunca se sabe à priori ‘o que’ vai ser contado em cada nova entrevista, nem ‘como’ vai ser contado. Estas questões são fundamentais na discussão deste tipo de abordagem com a qual trabalhamos, pois de certo modo determinam o tipo de conhecimento a que se pode chegar: conforme a condução da entrevista (se for mais rígida) pode-se obter um conhecimento que responde às indagações do pesquisador, mas que não lhe

permite entrever outros aspectos também importantes, que o entrevistado poderia lhe passar. Em nosso estudo, preferimos trabalhar com a posição mais aberta para novas questões, embora correndo o risco prévio uniforme, nem sempre se obtêm certas informações padronizadas de todo os informantes, pois, no momento da entrevista as questões sobre tais aspectos às vezes não eram pertinentes. Mas acreditamos que este é um problema menor, que não compromete o conhecimento da realidade pesquisada enquanto um todo, nem interessa muito ao tipo de análise qualitativa que desenvolvemos.

Mas não podemos afirmar que o conjunto das memórias obtidas junto aos 33 informantes seja homogêneo. Há pelo menos duas diferenciações claras nestas entrevistas.

A primeira delas deve-se ao fato de algumas entrevistas incorporam fotografias, outras não. Recorrer a fotografias como fonte de informações sobre a época era um dos intuitos do projeto, mas nem sempre os professores as possuíam; de 28 entrevistados, 12 conseguiram localizar e providenciar fotos que pudessem nos interessar. Nestes casos, em que havia fotos, sempre tentamos obter as memórias dos professores antes de comentá-las, por julgar que desta forma teríamos condições de entender melhor o que aquela foto poderia representar e poder fazer indagações mais frutíferas sobre a mesma. A entrevista anterior e as informações nela contidas situavam melhor a foto, permitindo ao pesquisador uma aproximação maior com a mesma, e, pelo que pudemos sentir, também facilitando ao próximo entrevistado falar sobre a mesma. E aqui, parece-nos, há uma ‘dialética’ intensa entre o que ficou retido na memória do entrevistado e o que a imagem lhe permite relembrar. O relato oral e o que parece estar mais claro na memória de cada um dá o quadro geral, mas as imagens das fotos fazem aflorar novos elementos, surgem detalhes, nomes, fatos, há u aguçamento da própria memória. E é aqui que se distingue mais as entrevistas com fotos, daquela que não tem, há um aprofundamento, a realidade parece tornar-se mais rica e o cotidiano da época mais evidente, permitindo o pesquisador uma aproximação maior com a mesma.

É diferente o entrevistado falar como era uma escola e quem eram os alunos, e depois mostrar fotos da escola e dos alunos, falando sobre elas.

A introdução das fotos, isto é, das imagens durante o processo de entrevista tem assim resultados em parte distintos, mas profundamente interligados: reaviva a memória dos entrevistados, torna uma realidade mais próxima e ao mesmo tempo, ‘traz’ o pesquisador para esta realidade.

A outra diferenciação entre as entrevistas está ligada à própria diversidade dos informantes, isto é, à própria história de vida de cada um. Podemos perceber que há, entre eles, dois grupos diferentes: alguns entrevistados dão uma

visão mais geral da época e do sistema educacional ao qual estavam ligados, enquanto outros relatam mais sobre suas próprias vidas e o que acontecia no dia-a-dia das escolas em que lecionavam. Embora envolvidos pelos mesmos processos e pelos mesmos problemas, a forma como cada um os vivenciou parece determinar 'memórias' diferentes: de alguns obtêm-se memórias que se ligam à trajetória individual do professor nas escolas pelas quais passou, e de outro, memórias que abarcaram as mudanças educacionais mais amplas, pois suas trajetórias confundem-se com estes processos.

No fundo, entretanto, elas não são distintas, enquanto relatos, mas diferenciam-se pelo fato de terem as pessoas vivenciando as experiências educacionais a partir de posições diversas no próprio sistema educacional – algumas acompanhando de perto e de cima a implantação e o funcionamento do sistema educacional, público ou particular, outras apenas aplicando as instruções gerais nas suas unidades particulares.

Há ainda diferenciações que decorrem do próprio estilo e formação dos professores; os que desenvolveram atividades como jornalistas ou como escritores, apresentam um discurso mais elaborado, as memórias parecem fluir já dentro de uma certa racionalidade prévia, tornando-se até mais difícil ao pesquisador a tarefa clarear certos aspectos, quando necessário.

No caso dos entrevistados pertencentes a ordens religiosas, nota-se a uma resistência em falar da vida não religiosa anterior.

Quanto às fotografias sobre as quais se têm trabalhado, também podemos dizer que são de diferentes tipos, seja pela origem, seja pela forma como se apresentam hoje.

A maior parte dos professores nos mostrou fotos posadas para fotógrafos, o que era comum na época. Mas alguns professores possuem fotos por conta própria, estas geralmente diferentes das primeiras pelo espontaneísmo que deixam transparecer.

As imagens sobre as quais trabalhamos também não têm aparecido sob a mesma forma: em parte, são fotos originais que os professores guardaram consigo outras, são fotos que foram reproduzidas em revistas, não se sabendo mais onde estão os originais. Achamos importante resgatar os dois tipos, pois nossos interesses maior é o conteúdo, a que a foto permite chegar.

Desta forma, temos reproduzido tanto fotos de 50 delas (a partir dos negativos cedidos pelos informantes) como fotos de publicações.

Com relação ao trabalho mais específico com fotografias, além da primeira análise que foi feita juntamente com o professor, em situação de entrevista, outro trabalho desenvolveu-se posteriormente. Após a reprodução das fotos, que foi feita com a autorização dos que a possuem, fez-se

uma ficha para cada foto, onde constam informações como que cedeu a foto, o período ou data em que foi tirada, a legenda que acompanha a foto, referência bibliográfica (no caso de fotos reproduzidas de livros), como estava guardada, as características da foto etc.

Paralelamente à realização das entrevistas e coleta das fotos, realizamos a primeira análise das entrevistas, por meio da audição das gravações logo após sua realização, da crítica dos entrevistadores e da leitura posterior do material transcrito, verificando sua forma e conteúdo. Esta primeira análise, que se desenvolveu desde a realização da primeira entrevista em um processo contínuo de questionamento, é que foi delineamento mais claro dos caminhos a serem percorridos, assim novos problemas foram surgindo, e se foi delimitando com maior clareza que tipo de informantes interessava ao estudo. À medida que as entrevistas eram realizadas, foi se podendo perceber sobre que aspecto do sistema educacional de São Paulo já tinha elementos esclarecedores, e sobre que outros deveríamos continuar pesquisando, e procurando novos informantes.

No projeto inicial de pesquisa, nosso interesse era verificar os diferentes tipos de ensino oferecidos em São Paulo e o relacionamento da população com o mesmo, entre outros aspectos. Mas, apesar de termos um conhecimento prévio do funcionamento do sistema educacional paulista e certo conhecimento do que existia na cidade de São Paulo, assim como das reformas educacionais que se processaram durante este período, este conhecimento não cobria todas as possibilidades que viemos a encontrar depois. Nosso intuito, ao trabalhar com memórias de professores, era justamente o de deixar o campo aberto, sem estabelecer limites que restringissem a incorporação de diferentes tipos de ensino ministrados em São Paulo.

Desta forma, foram surgindo, por exemplo, por meio dos relatos, experiências educacionais que atendiam as camadas mais pobres da população paulistana, e que se realizavam nas escolas particulares religiosas, que se destinavam primordialmente à camada alta da cidade e de outras regiões do país (Colégio Des Oiseaux, São Bento, etc.), tais experiências dificilmente constam dos documentos das próprias instituições, e muitos menos da história da educação neste Estado.

A primeira análise de cada entrevista, atenta não só à forma como se desenvolveu e ao conteúdo abrangido, mas também a novos problemas de investigação, mostrou-se de importância fundamental na determinação dos destinos deste trabalho.

DAS FALAS AOS TEXTOS: A TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

Após a realização das entrevistas, as fitas gravadas foram transcritas pelas próprias pesquisadoras. Este tra-

balho foi demorado, às vezes difícil das à voz fraca ou rouca de alguns professores e quando havia mais pessoas presentes durante a entrevista. Dentre as tarefas realizadas, foi a que exigiu o maior tempo, visto que cada história de vida tem entre 2 a 4 fitas gravadas.

Nesta etapa, a preocupação foi sempre a de transcrever de modo que o texto escrito refletisse ao máximo a fala do entrevistado, com suas pausas, vacilações, etc. Embora cientes de que é impossível haver uma correspondência exata entre o falado e o escrito, é importante que se tente manter o material escrito o mais fiel possível à fala de cada historiante.

Mas é preciso considerar que, a partir deste momento, se processa uma mudança de qualidade no material com o qual trabalhamos: ele se transforma em textos escritos. Como já comentamos em outra ocasião:

Esta transformação provocada pelo pesquisador no material coletado, mais que o cansaço implícito na execução das transcrições, traz a esta etapa do trabalho um certo desencanto. É como se toda aquela memória viva que se conseguiu recuperar e até mesmo recriar, perdesse de repente sua vivacidade. Por outro lado, é quase impossível trabalhar apenas com as fitas gravadas, na medida em que de cada entrevistado se tem várias fitas gravadas, e em que se tentava apreender os problemas educacionais na maneira como ocorriam de fato, na sua quotidianidade. E a experiência também nos deixou claro que mesmo ouvindo várias vezes cada entrevista, depois de realizá-la, não consegue apreender todos os elementos que o texto escrito permite visualizar. Esta etapa marca, para o pesquisador, a passagem para um novo tipo de trabalho, e a consciência de que, durante a pesquisa, estará trabalhando com dois materiais distintos: as memórias faladas, que o pesquisador registra em sua própria memória, e que até inconscientemente estão presentes durante a análise, e o material escrito, que lhe exige novas atenções. Se as entrevistas faladas são ricas e cheias de elementos novos, que vão se apresentando as vezes aos poucos à medida que se escuta várias vezes cada gravação, o material transcrito, por outro lado, permite uma visão de conjunto e um trabalho com memórias de forma mais dinâmica. E não deixa de trazer grandes surpresas, mesmo para quem realizou pessoalmente as entrevistas e já escutou muitas vezes os depoimentos.; em outras palavras, várias vezes nós, pesquisadores, surpreendemo-nos, durante a análise, com a constatação de que o material transcrito nos indicava não era exatamente o que havíamos escutado e discutido. A diferença fundamental, que permite a ocorrência destas diferentes percepções em cada etapa do trabalho, é que o material escrito pode ser visto em seu

conjunto, isto é, permite que visualizemos as várias informações de todos os entrevistados a respeito de um determinado assunto, o que é praticamente impossível com as gravações. Mas a dialética entre os dois tipos de registros – o escrito e o oral – parece existir durante toda a pesquisa, e acreditamos que seja fundamental; o pesquisador, mesmo ao trabalhar apenas com o material escrito, está constantemente utilizando as imagens que ele próprio registrou em sua mente, e que, embora às vezes incompletas, lhe permitem estabelecer a todo momento a ligação entre uma informação particular dada por um informante, e o contexto todo do qual ela foi tirada. (Demartine, 1988, p.63-64).

A PROCURA DOS TEMAS: O FICHAMENTO DOS TEXTOS TRANSCRITOS

As entrevistas transcritas foram discutidas quanto ao conteúdo geral e específico que apresentavam, e às temáticas que abordavam. Foram também trabalhadas para a elaboração de quadros que funcionaram como orientadores de todo o trabalho desenvolvido, pois continham as informações mais gerais sobre as experiências de cada historiante: origem e mobilidade; escolaridade, em seus vários níveis, experiências educacionais na cidade de São Paulo ou arredores; outras experiências e atividades.

Mas o trabalho com o conjunto muito grande de textos que as histórias de vida constituíram – cerca de páginas datilografadas, exigia um trabalho mais detalhado e atento. Assim, realizamos o fichamento exaustivo do conteúdo das entrevistas, isto é, fomos anotando a margem dos parágrafos os assuntos que eram tratados pelos entrevistados. Neste fichamento ‘aberto’ de cada entrevista, não utilizamos nenhum roteiro prévio, apenas procuramos padronizar o tipo de fichamento – nem muito geral, perdendo as especificidades, nem muito detalhado, que dificultasse o trabalho posterior com o conjunto das entrevistas. Feitos estes fichamentos, foram realizadas listagens de certo número de entrevistas, arrolando todos os assuntos que haviam aparecido em cada uma delas.

A partir das listagens elaboradas e das técnicas já discutidas desde o início da pesquisa, e rediscutidas após a realização de cada entrevista, elaboramos um roteiro para o refichamento de cada entrevista, visando 1) o tratamento posterior de análise das informações coletadas; 2) também, a padronização das informações de modo que pudessem ser localizadas rapidamente segundo o informante e a página onde se encontravam em cada entrevista, por meio de seu arquivamento por meio do processamento por microcomputador. Este segundo objetivo exigiu a montagem das memórias segundo a problemática desta pesquisa, mas facilitará muito qualquer trabalho posterior com as mesmas entrevistas.

Este roteiro, como se poderá verificar, procurou cobrir a riqueza de informações educacionais encontradas nas memórias dos professores, mas é mais específico com relação às memórias que se referem a experiências no município de São Paulo e seus arredores. Contém informações sobre: origem e família; mobilidade, escolaridade; atividades como docente em São Paulo e seus arredores; a situação ampla da escola no sistema ou na comunidade; os alunos; o trabalho como professor; informações ou comentários sobre sistema educacional mais amplo, reformas de ensino etc.; outras atividades exercidas pelo entrevistado, no magistério ou fora dele e outros assuntos.

Apesar de todas as discussões realizadas durante sua elaboração, o roteiro passou ainda por várias alterações à medida que foram sendo refichadas as primeiras entrevistas, pois surgiram novos elementos que exigiam a ampliação de um item, ou desdobramento de outro. Após os primeiros testes e as reformulações introduzidas, passou-se ao fichamento definitivo de todas as entrevistas realizadas. Após o fichamento de cada entrevista, os códigos indicativos das informações contidas em cada transcritos para uma folha auxiliar visando o arquivamento das informações por meio de microcomputador. A seguir anexamos um exemplar do roteiro e da folha de códigos.

AS POSSIBILIDADES DE ANÁLISE

Neste estudo, poderíamos optar pelo agrupamento das informações coletadas sobre o sistema educacional na cidade de São Paulo, partindo dos seguintes enfoques, dentre outros:

1. Da distribuição espacial das escolas;
2. Da distribuição cronológica dos relatos das experiências
3. Da diferenciação do sistema educacional quanto às vinculações das escolas citadas com rede pública ou particular;
4. Da diferenciação social da clientela escolar.

Entretanto, levando em conta o objetivo primordial do trabalho, de conhecer melhor o funcionamento do sistema educacional, uma primeira divisão se impunha como mantenedoras públicas ou particulares. Este critério, a nosso ver, apresentava-se como fundamental, dado que, no fundo, a consideração deste elemento diferenciador das escolas nos permitiria visualizar o funcionamento de 'diferentes' sistemas educacionais na cidade, sistemas estes que às vezes se sobrepunham, em outras se complementavam, em conta esta característica fundamental na análise do material coletado.

Assim, reagrupamos os relatos segundo este esquema mais geral, enfocando, de um lado, as informações sobre escolas públicas, de outro sobre escolas particulares, ambas com suas diferenciações internas.

Entretanto, é preciso ressaltar que, se antes da realização das entrevistas era possível imaginar o detalhamento da análise dos dados, isto é, pensar-nos vários tipos de escolas dentro desta subdivisão mais ampla e na problemática que pretendíamos abordar, com relação às mesmas, de fato nossa previsão não se completou totalmente. O conjunto do material com o qual passamos a trabalhar as memórias ‘faladas’, os textos transcritos e as fotos -, em sua riqueza e diversificação, é que permitiriam chegar às reais possibilidades de análise, deixando perceber os espaços que deverão ainda ser preenchidos. Não podemos esquecer que este material resultou da procura e ‘seleção’ dos historiadores, e esta, como vimos se dependeu muito de nosso empenho, condicionou-se, por outro lado, em grande parte, à sorte ou azar, independentemente de qualquer planejamento ou previsão.

Esta é, portanto, a análise possível sobre um material ainda incompleto; é, também, uma sistematização dos dados, sujeita a revisões e reformulações, que uma reflexão mais demorada certamente exigirá.

Não estão incluídas neste relatório, as observações sobre aspectos do sistema educacional (como o ensino religioso oferecido pelas escolas religiosas, por colônias de imigrantes e por professores que davam aulas particulares), pois, como já afirmamos anteriormente, tais itens deverão ser completadas por novas entrevistas, de modo a permitir uma visão mais ampla da problemática pertinente a cada um.

O TRABALHO COM DADOS COMPLEMENTARES

Os dados secundários, com os quais trabalhamos durante esta pesquisa, serviram como elementos de orientação, de explicação ou de confrontação com as informações coletas por meio dos depoimentos. Mesmo quando não incorporados explicitamente na redação final, eles estiveram presentes como elementos de reflexão, desde o início do trabalho. Neste período, foram fundamentais os Anuários do Ensino, do Estado de São Paulo, e em que constam dados gerais sobre o sistema educacional e as opiniões de seus dirigentes.

Um trabalho mais específico foi realizado com as Revistas do Ensino do mesmo órgão, mas que se destinavam aos professores, sendo por eles muito usadas. Assim, procedeu-se ao levantamento do conteúdo das Revistas do Ensino no período de 1902 a 1918, trabalho que resultou não só numa primeira análise deste conteúdo, mas na indexação de seus artigos. Este trabalho realizado entra como anexo neste relatório.

Entretanto, a análise e discussão deste material, juntamente com o conteúdo das entrevistas, permitiu aos pesquisadores um maior embasamento na formulação de um novo projeto de pesquisa, que abordasse de modo mais

direto questões da origem e formação do magistério no Estado de São Paulo.

REFERÊNCIAS

BERTAUX, Daniel. L'approche biographique: Sa validité méthodologique, ses potencialités. Paris: **Cahiers Internationaux de Sociologie**, v. 64, 1980.

DEMARTINI, Z.B.F. **Observações sociológicas sobre um tema controverso: população rural e educação em São Paulo** - Tese de Doutorado – Departamento de Ciências Sociais(USP), 1979.

DEMARTINI, Z.B.F. Velhos mestres das novas escolas: um estudo das memórias de professores da I República em São Paulo. **Cadernos CERU**, São Paulo, n. 19, p. 197-205, 1984.

DEMARTINI, Z.B.F. Trabalhando com relatos orais: reflexões a partir de uma trajetória de pesquisa. In: LANG, A. B. S. G. (Org.). **Reflexões sobre a pesquisa Sociológica**. 1ª ed. São Paulo: CERU, 1992. P. 42-60.

DEMARTINI, Z. B.F.; LANG, A. B. S. G.; CAMPOS, M. C. S. **História oral, Sociologia e Pesquisa: a abordagem do CERU**. São Paulo: Humanitas/FFLCH-USP, 2010.

DEMARTINI, Z. B. F. Histórias de vida na abordagem de problemas educacionais. In: SIMSON, O. R. M. (Org.). **Experimentos com histórias de vida: Itália-Brasil**. São Paulo: Vértice, 1988.

PEREIRA, Maria Isaura de Queiroz. **Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva**. Coleção Textos n. 4 São Paulo: CERU/ FFLCH, 1983.